

Assignaturas

Um anno..... 1.7000 réis
Seis mezes..... 8500 " "
Pagamento pelo correio,
mais 100 réis

REDACTORES

ANNIBAL SOARES e ALBERTO COSTA
DIRECTOR ARTISTICO — PEDRO CID

O Vira

JORNAL HUMORISTICO

EDITOR — Manoel d'Oliveira Teque

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa da Gloria, 22-A

ADMINISTRADOR
M. Moraes Canaveira

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Lith. Artística-Rua do Almada, 32 e 34

NO PARAISO TERREAL



A primeira carta d'amor

CHRONICA



Sumario: — *Do triste fim da nobreza lusitana. — De como os netos dos cruzados fringem ovos e preparam um coelho de riltão. — Um velho simile que cada vez mais se confirma. — A reconhecida necessidade de vida nova, e dos alvitres dos cerebros pensantes. — Manhas do Zé, e de como elle leva a agua ao seu moinho. — Coro geral da nação: «Salta mais um melhoramento!» — Uma paixão... do Estado! — Futuro da nacionalidade portugueza.*

Depois que a implantação do liberalismo, a abolição dos privilegios de casta, a promulgação da lei dos morgaños, o progresso da civilisação material, com o seu cortejo de seducções irresistíveis e caras, dissolvendo as nossas famílias fidalgas, occasionaram a diffusão das riquezas accumuladas em sua posse, os rebentos da nobreza lusitana, não educados ainda nos habitos d'um trabalho fecundo e austero, ou se atiraram á fatia do orçamento, deglutindo nas obras publicas e no sello miserimos ordenados de doze mil réis mensaes, ou entraram de tentar empresas pouco fadigas, que, quando não os levam á fallencia commercial, lhes dão o escassamente necessario para que se recordem com saudade dos restos ainda opiparos, que da farta mesa de seus avoengos passavam para a guella da creadagem tumultuosa e voraz.

Qual de nós, leitor amigo, não tem comprado cigarros a um Albuquerque do O' Lobo Ponce Gorgulhão, ou não se tem acolhido, pelas estradas da provincia, á modesta albergaria d'um cavalheiro affavel, que teve avós nas cruzadas, tios na curia romana, e primas nos mais esplenduros thronos da Europa?

Pois nunca o velho simile estabelecido entre os destituídos morgados portuguezes e a propria nação que lhes foi berço, se afigurou tão flagrante como na *étape* actual da nossa marcha.

Expulsos do territorio os mouros, singrado o mar em todos os sentidos, descoberto o caminho para a India e assolada a Africa em seculos successivos, colonisado o Brazil e comidas as rendas fabulosas de empreendimentos tamanhos, Portugal, sem dinheiro e sem alento como um fidalgo arruinado e estroina, chamou o conselho de familia, em cata d'algum modo de continuar fazendo vida mal ou bem, mas sem ralações de maior. Então, as collectividades reuniram, os pensadores pensaram, os plunitivos escreveram, em termos que não se abre hoje uma gazeta, sem encontrar mais perto ou mais

longe, no artigo de fundo senão no echo politico, na informação noticiosa, senão nos *faits divers* das ruas e viellas, phrases de chapa pouco variavel: a *necessidade de attrahir o estrangeiro... agora que o estrangeiro começa a visitar nos... para estabelecer a corrente do estrangeiro...* E sobresaltos, receios, pudores: o que diria um estrangeiro que presenciasse... *demais a mais, alguns estrangeiros que estavam proximo...*

E' consequente. Depois da orgia dos moiros, dos judeus, da India, do Brazil, da Africa, dos frades, a pandega pataqueira do *touriste* incauto e reinadio...

E então, ha conchavos, cambalachos, alvitres murmurados em segredo, com o olhar malicioso e gazio de cavalheiros d'industria, que a *tramam*. Este, propõe um carnaval d'arromba, com cortejo, o ministerio á frente e carros allusivos aos padões das nossas glorias; aquelle dá mais por uma batotinha, sob o patrocínio do Estado, tendo mulheres gordas a talhar; do lado, algum recommenda que em todo o caso não esqueçam uma demão de cal nas frontarias dos predios: e certo sujeito que alvitrou um caes acostavel para os passageiros da Argentina, engalfinha-se com aquell'outro, que acha muito superior um sanatorio para tysicos.

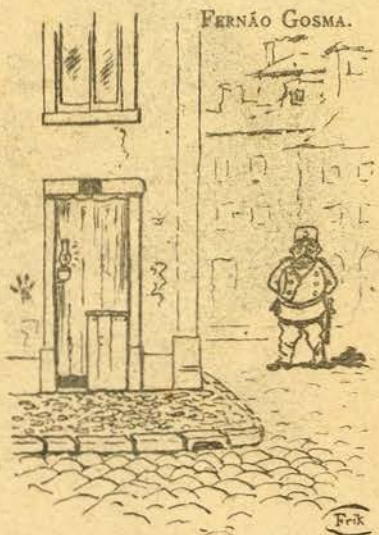
Mas o melhor da passagem, é que o Zé povinho arteiro, tendo comprehendido que não apanha ao Estado, pelos seus bonitos olhos, o valor da ponta d'uma unha, pegou na deixa, mettu-se no embrulho, e agora o veis infatigavel, no patriotico afan bem servir o estrangeiro, como filho opprimido e guloso pedindo licores á mãe... para as visitas.

Tal cidade de provincia andava desde a fundação a reclamar do governo, verbi gratia, uma ponte. Ministerios succediam-se, com muita festa para a festa, muito traçado estudado, muitos cadernos d'encargos; só que a respeito de ponte... ainda não havia verba.

Ha pouco tempo, porém, surge nas estações superiores uma communição gravissima da edilidade respectiva: e é que tendo os passageiros da Argentina de atravessar forcosamente aquelle rio, ou se ha de fazer desde logo a obra projectada, ou lá se vae por agua abaixo toda o insano trabalho do Roque da Costa... Um mez depois estava levantada a ponte e, enquanto os americanos não chegam, lá vão flinando por ella os astutos cidadãos...

Então, foi um coro geral das cidades, villas e aldeias d'este reino. Mertola exige uma estrada para os passageiros da Argentina; a Certã um chafariz para os passageiros da Argentina; Aldeia Nova do Cabo não dispensa um sino novo para os passageiros da Argentina. A veneração, o respeito pela vida, pela segurança e pelas commodidades d'esses problematicos e porventura irreaes passageiros é tamanha, que ha pouco tempo um jornal da capital, espalhando boatos terroristas á cerca da derrocada imminente do tunnel do Rocio, reclamava providencias urgentissimas, não por nós que somos donos do tunnel e lá passamos todos os dias — mas por esses vagos passageiros a quem o Estado dá tudo o que nos nega, a nós, com carinhos e blandicias de governante de padre, queimada na rubra chamma d'um amor baboso e meio-mystico.

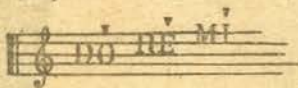
De sorte que a marcha evolutiva da nacionalidade portugueza parece agora accentuar-se, com geral consenso, no sentido de lançar para as costas, d'uma vez, o cuidado embirativo da *missão historica*, fixando-nos definitivamente no papel de nação posta por conta, e com a meia portr aberta para satisfação dos vicios e prazeres do transeunte cançado da labuta...



FERNÃO GOSMA.



A imprensa de Lisboa e Porto, que teve para nós tão affectuosas palavras de sympathia e applauso, *O Vira* agradece profundamente reconhecido, esperando manter a afinação da viola.

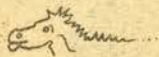


N'um salão aristocratico fazia-se animada *causerie*, entre damas muito gentis e cavalheiros extremamente amáveis. Um d'estes, referindo-se a uma nobre familia muito conhecida, informou cuidadosamente, por longo tempo, da fina linhagem e gloriosas tradições da casa, concluindo por esta indicação necessaria:

— Não sabem a divisa? Magnifica: *não recua!*

Ao que um dos assistentes observou:

— Homem, isso deve ser falta de picadeiro.



Por falta de espaço não podemos publicar hoje a nota officiosa do espirituoso *Olho de vidro*, enviado especial d'*O Vira* nos bastidores da capital. Apenas um *echo* do Colyseu:

A proposito do desastre do *Autobolide* e da pateada, que se seguiu, a Cléo de Merode, o sr. commendador Santos, franzindo o sobr'olho, e batendo nervosamente a mão na algebeira, resmungou:

— Em cima de quéda, coice. Bonito!

Do *Diario de Noticias*:

Votos

Offerecem-se, por o seu dono ter de se ausentar temporariamente e ha em abundancia, muito bem situados nas melhores freguezias d'esta cidade.

Carta a X. F. — Centro Regenerador Liberal, rua Garrett.



TRESPASSA-SE

Por o seu proprietario não poder continuar á testa, se trespassa em boas condições uma luzida facção politica, conjuntamente ou em lotes, como segue: **1.º** — Um robusto ministro d'estado honorario, que tambem pôde servir de par do reino, *signé* Passos Manoel; **2.º** — Um correcto deputado da nação, com pratica d'agencia de duellos. (Nota: este lote stá calvo); **3.º** — Um fogoso titular, bastante apresentavel, especialidade d'interrupções parlamentares fóra de tempo; **4.º** — Uma solida cerebração de poeta, ardido bom para servir no estrangeiro, podendo comer e ver-sejar em todos os idiomas; **5.º** — Outro intemerato deputado, com luxuosa canalisação de gaz; **6.º** — Um lote de varios deputados, constando d'um virtuoso ecclesiastico, um respeitavel conselheiro d'Estado honorario, um incandescente jornalista, um joven e esperançoso titular em muito pouco

uso, dois sabios doutores de capello, um medico bem afreguezado e outras miudezas.

Contracto e vêr, redacção do *Dia*, Rua Garrett. Para informes, o secretario da redacção.



Perguntam-nos porque o sr. Faria Machado, addido de legação nos paizes scandinavos, não arranca de Lisboa para os gelos eternos do Norte. Somos informados que foi a scisão dos dois paizes que lhe transtornou as ideias, de modo que o sr. Machado, indeciso, ainda não sabe bem se é addido na Suecia, ou se o é na Noruega. E a sua preocupação, por esta duvida acerba, torna-se bem visivel nas suas tardes meditabundas da pastellaria Marques.



FREI JOSÉ.

ECHOS DA AZAMBUJA

Quadras para *O Vira*

(COLLABORAÇÃO OBSEQUIOSA)

Meninos, vamos ás côrtes,
Té o contracto seguir;
Se não fosse para isso
Escusavam de cá vir.

Ze Luciano.



Rapazes, vantos á urna
Que lá vem a eleição;
Por a *C'róa* a descoberte
Não é minha opinião.

Hinze Ribeiro.



Confrades, não vamos lá,
Tenho isto palpitado:
Não vae o *Pinhal* abaixo.
Nem a golpes de Machado...

Bernardino.



Somos um forte partido,
Proprio p'r'a governação;
— Não me chamam ao poder?
Pois fico na abstenção.

João Franco.



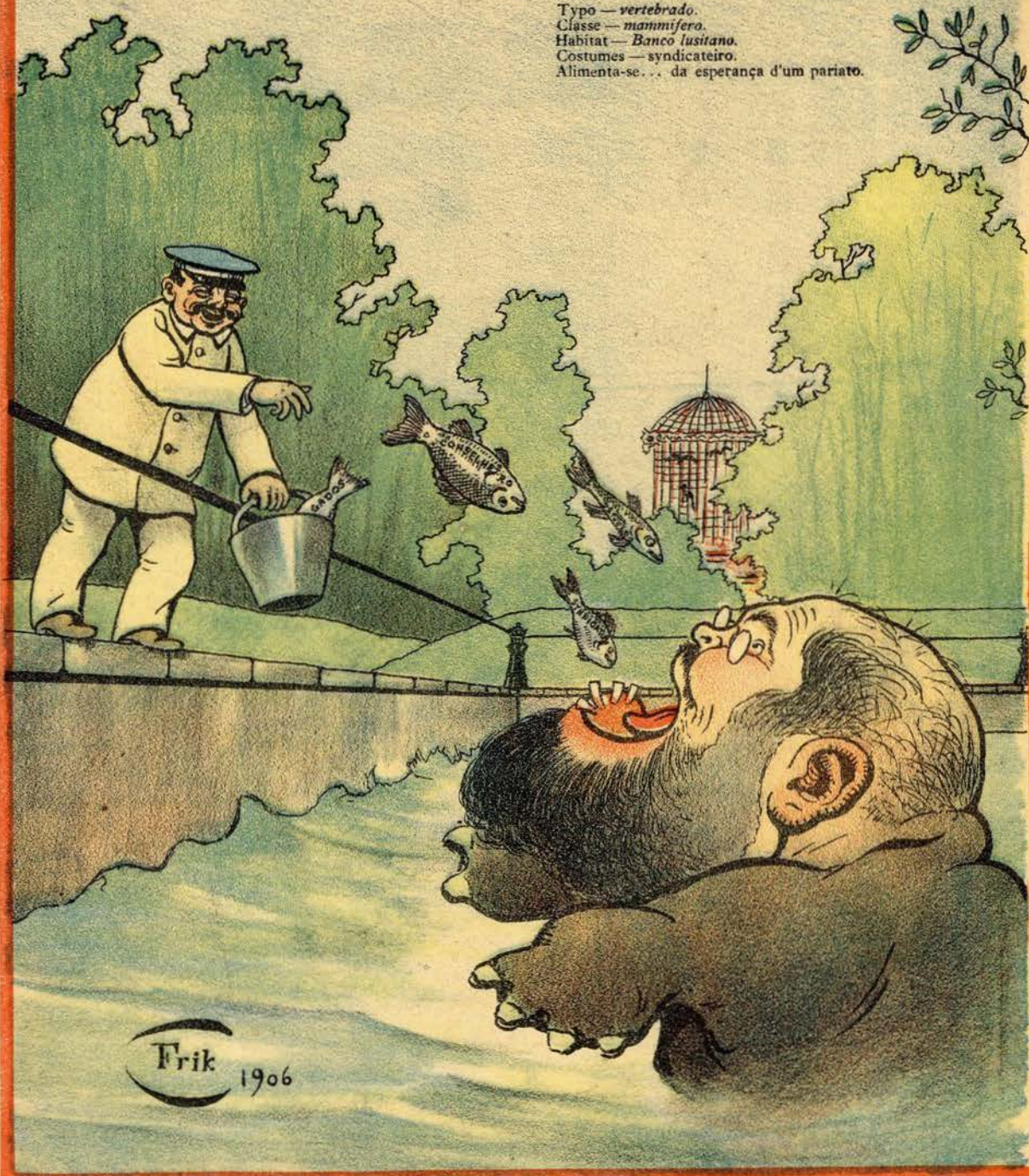
A ESCALA DO RISO



CURSO DE ZOOLOGIA POPULAR

I—O Hippopotamo
Petra Vianna vulgaris

Typo — *vertebrado.*
Classe — *mamífero.*
Habitat — *Banco lusitano.*
Costumes — *syndicateiro.*
Alimenta-se... da esperança d'um pariato.



Frik 1906

A DICTADURA

«O Vira», interviewando o sr. presidente do conselho.
 — A caminho dos Navegantes (notas impressionistas).
 — A reforma eleitoral.
 — A reforma dos pares.
 — Outras providencias dictatorias?
 — «Mot d'esprit», d'um recém-chegado.

Les mauvaises nouvelles ont des ailes, escrevia um pensador francez do seculo XVI. Como de facto. O boato d'uma proxima dictadura, ampla e feroz, emanado da Arcada, correu a cidade com a rapidez vertiginosa do raio, espalhando por toda a parte a consternação e o terror.

O Vira, no honesto intuito de trazer os seus leitores ao par dos acontecimentos verdadeiramente a *sensation* da vida nacional, pediu e obteve do sr. presidente do conselho uma interview, por intermedio da sua creada a sr.^a Maria da Purificação, a quem aqui deixamos consignados os nossos mais calorosos agradecimentos.

Eram precisamente 3,46 da tarde de hontem, quando o coupé de praça n.º 480 começou de rodar em direcção aos Navegantes comnosco incluídos.



O dia estava, como os leitores sabem, d'um encanto verdadeiramente aprilino. O Lisboa, como presentindo imminente a primavera, espanejava-se pelas ruas, cheias do *brouhaha* característico das pessoas que fazem compras na Baixa. Chapadas de sol lambiam as paredes dos prédios, recochitando ao depois em reflexos aggressivos, optalmicos. Na Avenida, electricos passavam passavam para o Arco do Cego, trasbordantes d'uma multidão alacre e palradora. Comerciantes, por detraz dos seus balcões, commerciavam. Uma mulher esquelética, torturada figura d'incoscível dor, lançando n'um arremesso, pela portinhola do trem, a sua mão crispada e suja, rogou em voz cava, lamentosa:

— Vae a ultima de tres, meu senhor? E' p'r'ós 12 contos!

Pungente sarcasmo do Destino, aquella familia mulher, que nos offerencia 12 contos n'uma cautela de tres!... Lançámos-lhe de passagem algumas moedas de prata, e em breves momentos a tipoiá estacava, com um grande tropear de cavallos que páram, á porta do palacete da rua dos Navegantes.

Ao sermos introduzidos no gabinete de trabalho do sr. presidente do conselho, inclinámos-nos reverentes. O Dictador estava em meiotés, em *robe-de-chambre*, e mergulhava profundamente na prosa do «Ideal da Búrrada».



Vendo-nos attonitos e querendo amavelmente serenar-nos, o sr. José Luciano desmanchou um pouco a magestade do porte, calçou os chinellos d'ourello que perto estavam, e exclamou cheio de bonhomia:

— Venha cá, não se assuste! Eu em familia não metto medo a ninguem!

E observou:

— Dizem que o proprio Cromwell era dentro de sua casa um grandíssimo rato...

Um pouco recobrados do natural enleio, halbuçámos:

— Como v. ex.^a não ignora, a imprensa opposicionista tem-se occupado largamente da chamada dictadura dos Tabacos...

— Sim? — fez o sr. José Luciano. — Eu não leio; quem lê por todos nós é o Veiga.

E retomando as nossas palavras, n'uma gargalhada longa, estridente:

— Eh! eh! eh! *Dictadura dos Tabacos* é muito boa... Mas esses sujeitos são tolos, não acha?

— Sempre nos quiz parecer... — assentimos.

— E' claro! Pois se n'este negocio todo ha alguma dita realmente *dura*, não é com certeza a dos Tabacos. Poderá ser talvez, na logica das opposições, a da nação. Agora a dita dos Tabacos—rematou—asseguro eu ao meu amigo que é pelo contrario uma dita muito feliz, uma dita de se lhe tirar o chapéu...

Nós commentámos, encantados do calemburgo:

— Uma dita feliz a dos Tabacos, e um felicissimo dito o de v. ex.^a! Mas em todo o caso...

— Quer então que lhe diga... Sim, alguma coisa se fará. Temos, por exemplo, a reforma eleitoral...

— Justamente, a reforma eleitoral... — atalhámos, cheios de curiosidade.

— Consegui—segredou o sr. presidente do conselho, com um esgar d'estucia—que a camara baixa não funcione já mais.

— Que? Dictadura permanente? Mas constava que v. ex.^a se limitaria a alargar alguns circulos electoriaes...

— Pois ahí, ahí é que bate o ponto! — confirmou. — Qual permanente! Ao contrario, tudo se fará dentro da Carta. Não faço mais que alargar os circulos.

— Todos?! — bradámos, n'uma irreprimivel expressão d'espanto.

— Todos, e prodigiosamente. Os deputados deixarão mesmo de representar na camara simples-circulos.

— Como assim?

— E' o que lhe digo. Passam a ser eleitos por meridianos.

— Genial ideia! — exclamámos, aturdidos.

— E' bonito, dá mais esplendor á representação parlamentar. *Oliveira Mattos*, deputado pelo meridiano de Greenwich! Não acha prestigioso?

— Grandioso, ex.^a senhor!

— Ora agora já o meu amigo comprehende como eu manipulo a coisa. Sessão marcada (supponha) para 5.^a feira, ás 2. O Vicente Monteiro, deputado, por exemplo, pelo meridiano da Azambuja, lá está sosinho á hora propria, firme como um sargento, á espera da opposição... que não comparece.

— Ess' agora!

— Pois não vê? E' simples e engenhoso. O João Franco, *verbi gratia*, deputado pelo

meridiano de Penabuco, não pôde evidentemente estar na camara antes das 6 horas da tarde. O Martins de Carvalho, pelo meridiano de Philadelphia, apparece ás 8, para o toast



O Pereira dos Santos, zeloso representante do meridiano de S. Francisco, ninguem o apanha em S. Bento antes das 10^h da noite; e o Pinto dos Santos, do meridiano de Melbourne, como já cá esteve ás 7 da manhã, tomou o caso como desconsideração pessoal, e enviou testemunhas ao presidente da mesa!

— Portentoso! Portentoso!

— Cá em casa acharam a isto uma piada doida! — exclamou o sr. José Luciano, rindo, rindo a bandeiras despregadas. Serenado porém, inquirimos:

— E quanto á camara alta...

— Sim, tambem lhe mexemos—informou o sr. presidente do conselho.— Nem todos os membros d'essa camara, por exemplo, serão d'or'avante pares do reino.

— Ah!

— Sim. Pares, apenas os amigos Alpins, Barachos, e tal, vão descer á cathedra de *uns do reino*. O *um do reino* Teixeira de Sousa, etc.

— E' bem achado.

— Claro está que, naturalmente, essas pessoas passarão a ter apenas meio voto. Um voto por cada par.

Animados então pela expansibilidade de s. ex.^a, arriscámos:

— E fornada, ex.^a senhor, não vae uma fornadinha de pares?

— De pares e não pares. Bem vê, ha individuos de feição, que eu não posso de modo algum fazer pares.

— Ora! Com a força de v. ex.^a...

— Não é tanto assim—objectou.— Ha factos irremediaveis. Por exemplo, quanto ao meu ministro da guerra. Como quer o amigo que eu faça par um sujeito que é Nunes de nascença?

— Ah! lá isso...

— Ah! já me entende!... Assim pois, a camara alta ficará composta de pares e de pernões—entre estes o ministro das obras publicas, que entrou no meu gabinete, como sabe, pela mesma razão por que as dançarinas do Colyseu entram de madrugada nos gabinetes do Silva: — pelo docadinho da perna. Teremos portanto Antonio Cabral, o digno *pernã* do reino...



— E acerca d'outras medidas, não poderá v. ex.^a dar-me conta...?

O sr. presidente do conselho esquivou-se arteiramente:

— Como quer o sr. que eu lhe dê conta, antecipadamente, das medidas d'uma dictadura que vae ser ás cegas e de rachar, sem conta, nem peso, nem medida?

Neste momento, s. ex.^a olhou o seu relógio de prata, contido n'um saquitol de talgarça. Depois, com um affectuoso gesto de despedida:

— Adeus. São horas do meu curativo.

— De qualquer modo porém—concluímos, erguendo-nos—o governo sente-se forte e seguro?

Uma voz grossa, desconhecida, murmurou ao nosso lado:

— *Encore vous le dites... petit bas...*

Voltámos-nos subito. Era o sr. ministro do reino, que entrara, segurando entre os dedos uma algália de platina.

ILLUSTRISSIMOS SENHORES



O D. Maria deu-nos finalmente—a mais fe meio da época — um original português, merecedor de subir ao tablado do nosso primeiro theatro de declamação. Não se trata, sem duvida, d'uma obra impecavel. Assim o bacharel André, comoquanto fundamentalmente verdadeiro, está transplantado á scena d'uma forma um pouco forçada e convencional, de modo que a sua feição moral resulta menos da conducta logica do personagem, que das coisas cruas e abruptas que artificialmente o auctor lhe faz dizer. Mas, a par d'isto, quanta observação nas demais figuras, quanta propriedade nas situações, quanta exactidão nos pormenores, quanta firmeza na carpinteria, e sobretudo quanta honestidade nos altos intuitos sociaes da peça!

Pelos primores da sua linguagem, pelo meio em que decorre, pelo assumpto que o informa, *O Filho do Doutor* veio radicar-nos a consoladora certeza de que pôde fazer-se n'esta terra um florescente theatro nacional, de maneira que nem nos surja, n'um salão da rua dos Retrozeiros, alguma figura de molde do boulevard Saint Germain, nem, n'um casal de Villar Secco, heroes populares só verosimeis no *Brazeirão Pancreático*.

Agil e dextro como todo o leporideo que se presa, Coelho de Carvalho, alapanando-se na prosa quando a technica fraquejava, e escapulindo-se pela technica, se acaso a prosa ia a empolar de mais para o falante, triumphou merecidamente, colhendo na noite de sabbado largos e fervorosos applausos, aos quees *O Vira* associa jubilosamente os seus.

Ferreira da Silva, o eminente actor, Ignacio e Joaquim Costa, muito bem, sendo de notar a esplendida caracterisação d'este ultimo—sem desfazer, é claro, nas dos mais. O sr. F. Maia produziu um velho padre correctissimo — o que deve ter-lhe demonstrado que nada se perde, ás vezes, em não ser por um instante homem bonito. O sr. Luiz Pinto, no seu ingrato papel de filho mal-creado, difficilmente poderia conciliar as sympathias d'um publico de chefes de familia — e dos antigos... Do bello sexo, ha-de pôr-se em destaque, além da excellente scena de Augusta Cordeiro, o desempenho de Luz Velloso, que progride sempre e que teria sido mui de louvar por esta vez, se não enfermasse d'aquella preocupação, commum a quasi todas as nossas actrizes, de exaggerar propositadamente a rudeza d'attitudes, d'intonação, de gesto, das figuras plebeias — com o ar um tanto desdenhoso e um tanto benevolente de princezas de Versailles, que se dignam travestir em povo, por algumas horas, para delectarem a bella sociedade na representação d'uma pastoral ingenua...

EXPEDIENTE F. G.

«CORREIO DE MINERVA»

Estava prompta e lésta a *bonecagem* d'esta secção, quando perante nós se ergueu traçoicamente o temeroso *duende*, em cuja existencia até hoje não acreditamos — a *absoluta falta de espaço*. Sentimos o contratempo, tanto mais que a pagina, a bellas côres, de capéllo e bórla, não nos parece de molde a merecer as sympathias de Minerva e seus sabios favoritos. Será publicada no proximo numero, o que juramos pelos nossos *graus*.

Vamos proceder á cobrança da importancia das assignaturas relativas ao 1.º semestre.

Os nossos estimaveis assignantes que quizerem evitar a despeza do pagamento pelo correio, podem mandar a esta administração, todos os dias, das 10 ás 4 horas da tarde.

Só no proximo n.º podemos iniciar a publicação dos annuncios, do que pedimos desculpa aos nossos annunciantes.

Satisfazendo os desejos de alguns assignantes da capital será *O Vira* entregue em suas casas, no proprio dia em que fór posto á venda, por distribuidores especiaes.



O Vira depõe junto do distincto pianista brasileiro os seus agradecimentos e felicitações.



De Manoel Monterroso, o brilhante caricaturista e nosso querido amigo, recebemos, acompanhando a sua affectuosissima carta de felicitações, o amavel desenho, que pedimos licença para dar aos leitores do *Vira*, o qual leva para o Porto um abraço de sincero reconhecimento, e o encargo de requerer do illustre artista que para *O Vira* viresse um pouco da attenção do seu fino espirito, sempre que as ferozes exigencias da sua clinica lh'o permittam.



O POETA AFFONSO LOPES - VIEIRA



«Ar Livre»
Tônico dos pulmões e das almas

Frik
1906